

ANTICLERICALISMO E ROMANCE MODERNO: CORNELIA BORORQUIA OU A VÍTIMA DA INQUISIÇÃO

ANTICLERICALISM AND MODERN ROMANCE: CORNELIA BORORQUIA OR THE VICTIM OF THE INQUISITION

Jeniffer Yara Jesus da Silva
UFPA

Resumo: Cornelia Bororquia ou a Vítima da Inquisição, historieta espanhola de Luis Gutiérrez (1771 - 1809), publicada pela primeira vez em 1801, narra, por meio de cartas, o sequestro de uma moça pelo Arcebispo de Sevilha. Para tentar recuperar a jovem, o pai solicita ajuda para o retorno de sua filha, bem como seu noivo e amigos intentam socorrer a vítima. O romance foi noticiado em diversos jornais no Brasil, como Diário do Pernambuco, em 1833, Jornal do Commercio, em 1835, Diario do Commercio, em 1889, bem como foi criticado pelo jornal católico A Boa Nova (1872), em Belém do Pará. Considerada a primeira novela espanhola anticlericalista, a narrativa denuncia abusos do poder eclesiástico na Espanha inquisitória por meio do romance epistolar. Dessa forma, o presente estudo objetiva analisar a narrativa espanhola a fim de confirmar sua importância nas discussões sobre a produção romanesca, aliada à História em discussões pertinentes aos estudos literários e sociais.

Palavras-chave: Cornelia Bororquia; romance anticlericalista; Luis Gutiérrez; Espanha do século XVIII.

Abstract: *Cornelia Bororquia or the Victim of the Inquisition, a Spanish story by Luis Gutiérrez (1771 - 1809), first published in 1801, recounts, through letters, the kidnapping of a girl by the Archbishop of Seville. To try to recover the young, the father asks for help for the return of his daughter, as well as his fiancé and friends try to help the victim. The novel was reported in several newspapers in Brazil, such as Diário do Pernambuco, in 1833, Jornal do Commercio, in 1835, Diario do Commercio, in 1889, as well as was criticized by the Catholic newspaper A Boa Nova (1872), in Belém do Pará. Considered the first anti-clericalist Spanish novel, the narrative denounces abuses of ecclesiastical power in inquisitory Spain through the epistolary novel. Thus, the present study aims to analyze the Spanish narrative in order to confirm its importance in the discussions on Romanesque production, allied to History in discussions pertinent to literary and social studies.*

Keywords: *Cornelia Bororquia; anti-clerical novel; Luis Gutiérrez; 18th-century Spain.*

INTRODUÇÃO

A Inquisição na Espanha no século XVIII, fundada em meados dos anos de 1480, com sua principal implementação, o tribunal do Santo Ofício, é, ainda hoje, alvo de grandes contradições quanto às suas ações durante os seus anos de funcionamento. Reconhecido como um dos principais tribunais do período inquisitorial, o Santo Ofício espanhol é referência em histórias fabulosas presentes em filmes, teatro e romances.

Si bien en los últimos años la actividad fundamental del Santo Oficio había sido la de censurar libros y mantener la ortodoxia de la fe, los intelectuales españoles que habían sufrido la presión, las advertencias o las delaciones no podían olvidar la imagen más negra de la institución, íntimamente ligada a formas de vida cerrada y autoritaria y a una administración de la justicia basada en la tortura y la indefensión. En este tramo final que nos ocupa fue fundamental el esfuerzo literario y político de los eclesiásticos reformistas y de los escritores y artistas ilustrados. Antonio Puigblanch, Juan Antonio Llórente, Joaquín Lorenzo Villanueva, Francisco de Goya, José Marchena, Luis Gutiérrez y Leandro Fernández de Moratín son algunos de los nombres que la historia cultural española reserva para ejemplificar este clima crítico y demoledor (MANCHO; PACHECO, *apud* BARRIENTOS, 1991, p. 2).

Nesse contexto, historietas sobre a temática surgem, como a de **Cornelia Bororquia ou a Vítima da Inquisição Espanhola**, escrita em 1779 e publicada, pela primeira vez, em 1801, pelo autor espanhol Luís Gutiérrez (1701 - ?). Publicada no século XVIII, porém, a narrativa protagonizou análises e investigações apenas no século XX, nos estudos literários espanhóis e, no século XXI, nos estudos literários brasileiros, como produção inscrita em uma época de censura e autoritarismo de figuras católicas, como, por exemplo, em Belém do Pará.

Luis Gutiérrez nasceu em 22 de junho de 1701, na cidade de Valladolid na Espanha, foi frade em seus primeiros anos da juventude, mas se refugiou na França, na cidade de Bayona, após decidir não exercer mais seu papel como eclesiástico e não obter autorização em sua cidade de origem para isso. Foi professor de castelhano na nova cidade, posteriormente, redator e proprietário do jornal **Gaceta de Bayona**, publicando artigos de teor crítico a assuntos sociais e religiosos. A folha chegou a circular na Espanha também, mas, após quatro anos de circulação, Luis retornou para o ofício de professor (DUFOUR, 1987).

Inserido, anteriormente, na instituição a qual viria denunciar abusos e atos ilícitos, o autor intenta, em sua produção, para além da crítica à Igreja censória e autoritária, expor um posicionamento de tolerância para com outras religiões/doutrinas existentes. Longe de sentimentalismos utópicos, o romance espanhol escrito por Gutiérrez carrega em si um valioso objeto de análise, no que tange os temas sobre intolerância religiosa, injustiça e abusos de poder, constituindo-se uma obra importante nas discussões atuais que envolvem nossas sociedades.

Figura 1: Edição francesa, Bororquia ou La victime de L'Inquisition, 1803.



Fonte: archive.org

Após sua primeira publicação, o romance foi traduzido para o francês, português e alemão, com mais de uma edição em espanhol, enxertada de notas e acréscimos pelo próprio autor em sua segunda edição, em 1802. Ainda no Oitocentos, o romance foi noticiado em pelo menos 15 periódicos brasileiros, nos estados do Rio de Janeiro, Ceará e Minas Gerais, durante as décadas de 1830 a 1890, entre os quais seu título é mencionado vinte e três vezes.

Em Belém do Pará, na década de 1870, **Cornelia Bororquia** é citada em dois jornais doutrinários, **A Boa Nova** (1872), folha católica da Diocese, e **O Pelicano** (1872), folha oficial da Maçonaria à época, em que o primeiro condena a publicação do romance e o segundo a utiliza como argumento para enfatizar denúncias de abuso de poder relacionadas a figuras católicas da Igreja em Belém¹. Nos dois periódicos a história de Cornelia é tida como verídica, mesmo sendo de conhecimento dos redatores sua publicação como romance. Ainda foi publicada na seção *Folbetim*, em 1874, no jornal **O Santo Officio**, de caráter maçônico, possivelmente também como forma de utilizar a narrativa para enfatizar o posicionamento do jornal, manifestadamente contrário às figuras religiosas católicas e suas ações intolerantes na região à época. Nesse contexto, é latente o sucesso editorial da narrativa, mesmo em um período de fortes posicionamentos conservadores quanto à religião e costumes sociais.

¹ A Igreja católica paraense travou grandes embates contra a Maçonaria na chamada Questão Religiosa, período em que algumas figuras eclesiásticas condenavam a presença de parte do clero envolvido com a doutrina maçônica.

Figura 2: Folhetim Cornelia Bororquia ou a Victima da Inquisição, 1874.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Dessa forma, o presente estudo analisa, no que tange sua construção narrativa, de que forma o romance apresenta-se como anticlerical, em um período de embates entre ideias conservadoras *versus* ideias progressistas, ao mesmo tempo em que se insere nos estudos do romance moderno, advindos da ascensão do gênero ainda no Setecentos, popularizando-se no século XIX.

CORNELIA BORORQUIA E AS PREMISAS DO ROMANCE MODERNO

A narrativa de Luis Gutiérrez inicia com uma Advertência que nos esclarece sobre algumas características do romance moderno descrito por Ian Watt em **A ascensão do romance** (2010). O autor de **Cornelia** afirma que a trama é uma história verídica sobre a Santa Inquisição espanhola, estratégia reconhecida nas produções romanescas dos séculos XVIII e XIX, em que escritores/editores desejavam implementar a verossimilhança por meio da afirmação de que sua produção se tratava de um acontecimento real.

Se ha dicho que Cornelia Bororquia era un ser fantastico o de nuestra invencion; p e ro los que quisieren enterarse de lo contrario podran leer a Boulanger Historia de la Inquisición Langle , y la de Limborch ; y la de Marsollier, y a llí verán que aquella joven , hija del Marqués de Bororquia, Gobernador de Valencia, extremamente linda, discreta y virtuosa, fu e públicamente quemada en la p la za de Sevilla, y que su principal delito fu e , según se discurre con fundamento, el no haber condescendido con los impuros deseos del Arzobispo de Sevilla que la amaba ciegamente [...] (GUTIÉRREZ, 1987, p. 61-62).

Após sua publicação, estudiosos como Gerárd Dufour (1987) investigaram sobre as obras citadas por Luis Gutiérrez, confirmando não existir Cornelia Bororquia nos livros oficiais da

Inquisição, no entanto, houve, de fato, uma Boroquia julgada pela Inquisição, assim como houve uma jovem chamada Cornelia, ambas vítimas do luteranismo em 1559 (DUFOUR, 1987). Estes são relatos que podem ter inspirado o autor espanhol em sua produção literária, mas nada realmente condizente ao que está escrito em seu romance. Contudo, a verossimilhança presente manifesta-se nos detalhes verídicos inseridos no enredo, assegurando ao autor uma vinculação com a História, propósito que poderia apresentá-lo, por um lado “como um testimonio de la intolerancia, y, por outro, se insertaba en una tradición literaria suficientemente valorada al vincularse en una Historia, además de haserçe más verossímil.” (BARRIENTOS, 1991, p. 319).

Como explicita Ian Watt, o romance, antes de tudo, intenta “retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta” (WATT, 2010, p. 13), tal afirmação está presente no romance de tal maneira que, em **Cornelia Bororquia** esta premissa encontra-se na historicidade presente na trama, nos detalhes condizentes aos fatos envoltos da Inquisição, bem como na profundidade com que são retratados os personagens, apresentados por si mesmos por meio de suas cartas e carregados de personalidades distintas e específicas.

Ainda sobre a Advertência, o autor cita as obras **Clarissa** (1748) e **Heloísa** (1761) como protagonistas exemplares para modelos literários, expondo, talvez, suas fontes de inspiração também para a escrita em cartas. Assim como os primeiros romancistas, os quais “romperam com a tradição e batizaram suas personagens de modo a sugerir que fossem encaradas como indivíduos particulares no contexto social contemporâneo” (WATT, 2010, p. 20), Luis Gutiérrez utiliza da particularização de sua protagonista, possuidora de nome e sobrenome, talvez inspirada nas narrativas de Samuel Richardson e Jean-Jacques Rousseau mencionadas acima, assim como também nomeia todos os personagens secundários na trama, individualizando-os no enredo.

Para além dos nomes, a narrativa de Luis Gutiérrez também valoriza e delimita o tempo da narrativa. As 34 cartas compreendem as datas de 20 de fevereiro a 9 de junho, e nelas, a descrição das ações e angústias dos personagens é presente, dessa forma, “o emprego da forma epistolar também leva o leitor a sentir que realmente participa da ação, com uma intensidade até então inédita” (WATT, 2010, p. 25).

As cartas, a particularidade nos nomes e o detalhamento no tempo pertencem a um conjunto de estratégias do romance moderno, o qual viria adentrar mais facilmente nas práticas de leitura da época pela fácil identificação pelo leitor, bem como convenceria seu público que se tratava de algo verídico, merecendo atenção ou provocando a curiosidade sobre o que estava escrito.

Inserido em um período quase contemporâneo ao que denuncia, **Cornelia Bororquia** está presente nos estudos literários espanhóis e brasileiros como uma obra de grande valor a qual serviu tanto para acusar determinado poder hegemônico à época, como para valorizar novos pensamentos acerca da religião e das autoridades clericais. Presente em estudos do século passado e do atual, a trama de Luis Gutiérrez nos apresenta diferentes leituras a serem consideradas:

[...] mientras que para el lector romántico Cornelia constituía probablemente un

prototipo de amor desdichado, el afrancesado, y más tarde el liberal, aplaudirían la denuncia y condena explícitas del tribunal de la Inquisición; y el ilustrado posiblemente leyerá con íntima satisfacción el claro alegato de denuncia del fanatismo religioso y la intolerância [...] (RODRIGO MANCHO; PACHECO, 2003, p. 4).

No presente artigo, aprofundaremos nas questões pertinentes ao anticlericalismo, às denúncias dos abusos de poder religioso e ao posicionamento de tolerância e boa conduta cristã presente no romance, pensamento iluminista característico em um período de transição entre ideias conservadoras e religiosas para um período que valorizaria a razão e pensamentos liberais.

O ROMANCE ANTICLERICAL

O enredo gira em torno do sequestro de Cornelia Bororquia, uma jovem de 19 anos raptada pelo Arcebispo de Sevilha que, apaixonado pela moça, levou-a, injustamente, para uma prisão do Santo Ofício, em plena Inquisição espanhola. Porém, só tomamos conhecimento da situação de Cornelia, primeiramente, por meio das cartas de seu pai, o Governador de Valência, e de seu prometido, Bartolomeu Vargas, também um jovem de 19 anos. No início, seu pai acredita que o namorado tenha raptado sua filha, no entanto, ao endereçar um escrito ao seu antigo criado, Pedro Valiente, este lhe esclarece que, na verdade, sua filha encontra-se em um calabouço da Santa Inquisição, mas não menciona o nome de quem seria o criminoso. Apenas na carta IX, escrita pela própria Cornelia, após receber ajuda de Lúcia, uma antiga criada de sua casa que fora trabalhar na prisão, é que saberemos quem seria seu verdadeiro raptor, o Arcebispo de Sevilha. Este possui duas cartas durante a trama, apenas informando o motivo (mentiroso) da prisão de Cornelia e sobre um interrogatório com a moça, acontecido ao final da trama. O leitor toma conhecimento de sua figura e ações principalmente por meio das palavras de sua vítima. A trama possui um final trágico ao nos apresentar, em uma das cartas, a cena em que o Arcebispo tenta violentar Cornelia, mas que é morto pela jovem ao atacá-lo com uma faca. O clérigo ainda confessa seu crime em ter raptado a jovem inocente neste momento, mas o destino trágico não é remediado, Cornelia vai para a fogueira após um último interrogatório com o Inquisidor Geral.

O modelo epistolar em **Cornelia Bororquia** é estratégico. Por meio das cartas são apresentados os personagens e o criminoso clérigo não possui voz predominante. Cornelia é descrita como alguém doce, amável, delicada e pura, raptada por quem se dizia amigo do Governador, um ser cruel de monstruosidade surpreendente devido seu ofício e caráter anteriormente disfarçado. Tais proposições são descritas pela própria jovem em uma carta endereçada ao seu pai:

Mas, ¿quién ha sido el raptor? ¡Ah, qué horror, qué monstruosidad! Aquel personaje que tanto fingía amarnos, aquel hombre que tiene tanta fama de honradez en todo el reino, aquel sabio varón, cuya santidad aneja a su ministerio es tan altamente proclamada y creída por todo el mundo, aquel orador que tan

a menudo recomienda en el púlpito la decencia a las doncellas, la fidelidad a las casadas, la castidad a las viudas; el Arzobispo de Sevilla en fin, él mismo, él mismo ha sido el que después de haberme armado en secreto bajo la capa de piedad mil enredosos lazos, el que después de haber tentado en vano todos los medios para seducirme, tomó el expediente de arrebatarme de vuestro cariñoso seno del modo más infame, sobornando a vuestro criado el sencillo Perico, y comprando cuatro hombres viles para que ejecutaran con feliz éxito su inicuo proyecto (GUTIÉRREZ, 1987, p. 71, Carta IV).

A empatia por Cornelia e pelos demais personagens que intentam ajudá-la, ao tomarem conhecimento de sua condição, é construída por meio da indignação na voz desses personagens, também considerados vítimas do Arcebispo, que os enganou e retirou de suas companhias a inocente jovem. O desalento de seu pai é apresentado na Carta VI:

Hija querida de mi corazón, he recibido carta, tu y ¡oh cuánto, cuánto ha traspasado tu relación mi dolorido pecho! Tú gimes y padeces por haber sido fiel a tu deber. Persiste pues, hija mía, en tu primera deliberación, porque ese lobo rapaz, ese tigre cruel no te dejará en paz: imaginará, inventará todos los medios posibles para burlarse de ti y deshonorarte. Está siempre sobre ti misma, no te dejes deslumbrar por ningún título; ponte en manos de la Providencia, ofrécela todos tus trabajos y cuenta ahora más que nunca con el amor de tu padre (GUTIÉRREZ, 1987, p. 81, Carta VI).

A relação entre pai e filha aparenta ser bem próxima, pois uma ‘mãe’ não é apresentada em toda a trama. Sua filha é descrita como seu bem mais precioso e o desalento pelo sequestro é palpável no discurso do Governador.

Por meio de suas cartas ao pai, a jovem informa como está sobrevivendo na prisão, como Lúcia a ajuda oferecendo alimentação e mantimentos, descreve as ações do Inquisidor Geral e também do Arcebispo, este que atormenta a menina em seu calabouço:

Por lo que respecta al Arzobispo, también viene frecuentemente a atormentarme. ¡Qué monstruo! No puedo soportar su vista; me horrorizo solamente al mirarle: entra con la piel de oveja, me halaga, me habla con dulzura, y hallándome cada vez más empedernida, se sale de aquí furioso, al modo que un lobo voraz que habiendo sido echado de un aprisco, va con la lengua colgando o lamiéndose los labios ensangrentados a ocultar en los bosques su vergüenza y furor; pero siempre alampándose por carne y sangre, a pesar de que lleva aún palpitando en sus ijares las víctimas que ha devorado [...] (GUTIÉRREZ, 1987, p. 87, carta VIII).

A figura do clérigo delineia-se representada por Cornelia, primeiramente, como um animal manso, ameno, que a elogia e tenta travar conversas, mas que logo transforma-se em um lobo voraz quando não atinge seus objetivos perversos.

Prosseguindo nas cartas, o Governador escreve a um novo personagem, Conde N***, para

pedir ajuda na libertação de sua filha, assim como Bartolomeu Vargas escreve ao seu irmão, Cipriano Vargas, também clérigo pertencente ao Santo Ofício, mas este é uma das vozes da Inquisição. Religioso fanático, oferece apenas mais um posicionamento de acusação a Cornelia, permanecendo favorável à sua prisão:

E recibido, querido hermano, una carta tuya concebida en los términos más extraños. ¿Sabes bien lo que en ella me dices? ¿Sabes que estoy obligado yo mismo en conciencia a delatarte al santo tribunal? ¿Es posible que te hayas dejado de tal modo arrastrar de la pasión por una mujer criminal e incrédula, que te hayas propasado a desfigurar a causa de ella tus nobles y honrados sentimientos? Créeme, hermano mío, si quieres que no sea tan grande tu castigo delátate tú mismo a nosotros, diciéndonos que arrebatado del ciego amor que tienes a Cornelia has prorrompido en expresiones injuriosas y blasfemas, y que siendo tu ánimo permanecer fiel a la religión, te acercas pesaroso y humillado al santo tribunal, a recibir el castigo que merecieras por tu ligereza y arrebato. (GUTIÉRREZ, 1987, p. 109, Carta XIV).

A voz do fanatismo impera sobre a posição de Cipriano perante o pedido de seu irmão, acusado de estar apaixonado por Cornelia ao acreditar na “blasfêmia” que a jovem manifesta contra o Arcebispo. Neste momento o leitor toma conhecimento de que possivelmente todas as tentativas de salvar Cornelia de algum final trágico seriam impossíveis de obter resultados positivos.

A crítica ao fanatismo e aos representantes de uma Igreja intolerante, de ações monstruosas e injustas é apresentada nas cartas XV e XXVIII, a primeira sendo de Bartolomeu Vargas ao seu irmão, Cipriano Vargas, após a resposta deste no pedido de ajuda em libertar Cornelia:

Para penetrar las imaginaciones y conducir las por medio del terror, representasteis a Dios como un tirano, le adorasteis con todas vuestras horribles pasiones, con la cólera, el odio, la venganza, la parcialidad, la inconstancia, los celos: hicisteis de él un ser cruel, alterado de sangre, implacable en sus furores: imaginasteis un lugar espantoso donde acumulasteis toda suerte de torturas y de suplicios, un fuego devorador y eterno, tenazas, cuchillos, lancetas, espadas, calderos de pez hirviendo, parrillas, azufre, betún, un gusano roedor y una multitud de diablos, ministros de este Dios vengador, destinados a atormentar eternamente la mayor parte del género humano; en una palabra, hicisteis un Dios imaginario, pero semejante a los tiranos de la tierra; y de este modo divinizasteis, por decirlo así, los vicios de estos últimos, y acostumbrasteis a los hombres a sufrir con paciencia sus injusticias, sus vejaciones, sus latrocinios (GUTIÉRREZ, 1987, p. 114, Carta XV).

Neste trecho Bartolomeu acusa seu irmão em manter uma crença tirana, a qual prega um Deus adornado de ódio e vingança. A denúncia continua na carta, nos questionamentos de Bartolomeu sobre os atuais representantes cristãos e, a seu ver, o cristianismo que deveria valorizar o amor, a bondade e a compaixão não está presente em figuras semelhantes à de Cipriano:

¡ Y qué! ¿Es acaso esto lo que os manda la religión de Jesús? ¡Qué! Ministros de un Dios de paz, ¿no deberíais dejar reconocer en vuestra conducta la bondad, la dulzura, la mansedumbre, la caridad y las demás virtudes de las que un Dios bondadoso nos ha dejado tantos ejemplos? ¿Cómo queréis que nos amemos mutuamente, si vosotros sois los primeros que sembráis la discordia en los estados, la disensión en las familias y el odio en todas las clases de la sociedad? ¿Cómo es posible que el pueblo pueda ser humano y compasivo, cuando vosotros mismos le dais ejemplo del odio más implacable? ¡Ah! La religión de nuestros padres, dulce, verdadera y celestial, es en vuestra boca un conjunto de absurdos y errores terribles. (GUTIÉRREZ, 1987, p. 115, Carta XV).

Nesse contexto, Luis Gutiérrez apresenta um posicionamento relativo a uma formação ilustrada (DUFOUR, 1987), em que a religião deve ser local de tolerância e de atitudes compassivas, inspirado talvez pela **Carta Acerca da Tolerância de John Locke** (1689), de acordo com Gerárd Dufour. Tais proposições também são presentes nas cartas de Meneses (criado de confiança do Governador), Conde N*** e Casinio (antigo pároco de Sevilha, perseguido pela Inquisição e destinatário em pedidos de ajuda do pai de Cornelia). Todos eles retratam pensamentos de homens de mentalidades racionais, em que o autoritarismo, a intolerância e censura são frutos de sistemas ditatoriais, os quais devem ser abolidos (RODRIGO MANCHO; PACHECO, 2003), e afastados do que seria o verdadeiro cristianismo, o compassivo e tolerante.

A indignação com injustiças religiosas também se faz presente na carta XXVIII, resposta de Bartolomeu a Meneses, quando relata um diálogo travado com um ancião pastor, após a declaração do senhor de que “la religión cristiana no ordena el terror, la intolerancia ni los crímenes” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 150), Vargas no entanto, contesta e recebe a seguinte resposta:

—Siendo eso así —le repliqué—, ¿por qué los sacerdotes encarcelan, aprisionan y maltratan a los que no creen lo que ellos ordenan?
—Porque se dejan deslumbrar por la ambición — me repondió el anciano —, porque se dejan corromper por el oro; en suma, porque no son cristianos. No, no son dignos de este augusto nombre, porque el hombre de Cristo debe ser dulce, humilde y caritativo, y hombre de Cristo jamás puede lícitamente maltratar a su hermano. Cuando digo hermano, no creáis que excluyo a los individuos de otra secta cualquiera que sea: no, hijo, por que Dios me dice que todos los hombres son mis hermanos, hechos como yo a su imagen y semejanza, y por consiguiente acreedores todos a mi amor y respeto. (GUTIÉRREX 1987, p. 151, Carta XXVIII).

A necessidade de tolerância para com os seus semelhantes é enfática nos trechos acima citados, por meio das vozes durante as cartas, ao mesmo tempo em que condena os abusos de poder de uma Igreja intolerante e censória, a narrativa também valoriza preceitos cristãos progressistas, enfatizando a ideia de um Deus bondoso e compassivo.

A presença da crueldade inquisitorial não assenta apenas na injusta prisão de Cornelia. O

Arcebispo, em sua carta endereçada ao Inquisidor Geral, cita um tipo de tortura (comum à época), para interrogar a jovem vítima:

O obstante en lo que quedamos ayer de que mandaríais bajar hoy al soterraño a nuestra *empedernida* para ponerla en el *potro*, he meditado después que será mejor suspenderlo aún por algunos días, a ver si valiéndonos de la dulzura la podemos mover a que confiese. ¿Quién sabe? Tal vez la desastrada y penosa situación en que se ve, la hará todavía aburrirse y cantar la palinodia. Yo iré hoy a verla a la misma hora que siempre, y hablaremos. Si habéis mandado disponer los trastos para la función, si habéis convidado a ella a algún eclesiástico, enviadle sin falta recado de contraorden pretextando alguna novedad (GUTIÉRREZ, 1987, p. 137, Carta XXV).

*El potro*² foi um instrumento da Inquisição, traduzido como ‘cavelete’ para o português brasileiro. Nesse tipo de tortura, os pulsos são presos em um dos roletes da estrutura retangular, e os calcanhares, na mesa, e de acordo com o desenrolar do interrogatório, uma manivela com um mecanismo do tipo roquete é utilizada para aumentar a tensão nas cordas, gradualmente, provocando uma dor excruciante³. Não há menção da ação interrogatória com esse instrumento nas cartas de Cornelia, mas a citação desse instrumento é inserida na trama e projeta mais uma vez a imagem de um clérigo capaz de atos monstruosos.

Na carta XXXII, os horrores do aprisionamento e da calúnia contra Cornelia são ainda mais explícitos por meio da voz da protagonista, ao mesmo tempo que denuncia o comportamento vil do seu raptor:

Mi confesor, que debía ser en este terrible trance mi único consolador, es mi mayor, mi más cruel verdugo. Encaprichado en la horrible idea de que no creo en Dios a pesar de mis serias protestas y juramentos, me amenaza, me amedrenta, me molesta, me mortifica, me ultraja, me desprecia y me reduce casi casi a la desesperación (GUTIÉRREZ, 1987, p. 165, carta XXXII).

O sofrimento injusto de Cornelia é enfatizado pelo tratamento que a moça sofre na prisão, julgada por sacerdotes que a tem como mulher indigna, conjurando dor e penitência à inocente prisioneira:

Unos, creyéndome obstinada, me juzgan ya sumergida en los profundos abismos; otros, más activos y celosos, me conjuran al dolor y a la penitencia prometiéndome, si lo hago, aplicarme sus indulgencias y escapularios; otros, teniéndome por una mujer indigna, me miran ceñudos y me escarnecen (GUTIÉRREZ, 1987, p. 165, carta XXXII).

² PENA, Iria. **Los instrumentos de tortura de la Inquisición**. Disponível em: <<https://www.muyhistoria.es/edad-media/fotos/los-instrumentos-de-tortura-de-la-inquisicion/maquinaria-del-panico>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

³ CAVALETE (instrumento de tortura). In: Wikipédia: enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavelete_\(instrumento_de_tortura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavelete_(instrumento_de_tortura))>. Acesso em: 14 jan. 2019.

O julgamento cruel destinado a Cornelia, causado por um ato imoral como o do Arcebispo, é denunciado durante toda a trama espanhola, mas o romance não apenas revela o abuso de poder dessas autoridades, como dá voz à vítima em seu sofrimento, esta que, mesmo experienciando tamanha violência, indigna-se muito mais com a blasfêmia que herdará seu nome:

Mi nombre, mi malventurado nombre será puesto en los templos a par del de los judíos y herejes, y pasará de padres a hijos más envilecido que el de un horrendo criminal. Yo soy la más desgraciada de todas las mujeres... ¿Cómo es posible que ningún objeto de la tierra alivie, en los cortos momentos que me restan de vida, mi corazón penetrado de la triste idea de la infamia? No, amigo mío, no temo la muerte: ella es el término de todos los males y accidentes de esta vida. Pero ¿quién, sin haber cometido el crimen, podrá soportar con faz serena la deshonra e ignominia que le es aneja? (GUTIÉRREZ, 1987, p. 166, carta XXXII).

Sua honra é posta em dúvida, a calúnia de seu nome sob a acusação de ateísmo pesa mais do que a vindoura morte, pois ainda acredita na justiça divina e não teme o óbito, porém, desconsola-se por partir com seu nome envolto nas mentiras proferidas pelo sacerdote.

Diferentemente do que ocorreu durante um longo período inquisitorial, neste romance, não há a condenação feminina pautada em argumentos ‘científicos’ para lançar a protagonista na fogueira, o crime, na verdade, fora cometido pela autoridade religiosa e a denúncia e questionamentos quanto aos seus atos e aos posicionamentos da Igreja como um todo segue latente na trama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em **Cornelia Bororquia**, o tribunal do Santo Ofício não é detalhado durante a obra, porém, percorre toda a narrativa como um pano de fundo das injustiças cometidas, principalmente no que diz respeito à prisão da protagonista. Ao mesmo tempo que condena tais monstruosidades, a narrativa reflete o pensamento de uma ‘verdadeira’ religião, a qual deveria ser pautada em liberdade de pensamento, liberdade de culto e tolerância, acima de tudo. Acusado de imoral e ímpio, o romance **Cornelia Bororquia ou a vítima da Inquisição**, por meio dos diferentes personagens e pensamentos descritos ao decorrer das cartas, aborda ações tirânicas de uma instituição de grande poder à época, a qual utilizaria artifícios na condução ao horror e propagação de ódio perante a sociedade, camuflando atos vis e imorais de seus próprios representantes.

Ao adotar o gênero epistolar, bem como premissivas do romance moderno, como a tentativa em fazer sua história ser marcada como verídica, Luis Gutiérrez, ainda vivendo resquícios do período inquisitorial, marcou em sua produção uma trama de grande relevância atemporal, a qual discute e questiona o abuso de poder da Igreja, a censura e a liberdade individual, posta em risco quando suscetível a autoridades fanáticas e censórias.

Tal obra obteve significativa circulação editorial, com publicação em jornais e traduções em diferentes línguas, o que indica sua popularidade e o interesse em sua venda em diferentes meios

comunicativos. Além disso, gerou embates quanto à sua leitura, como presenciado em Belém do Pará, entre os jornais que discutiram sobre ser verídica ou não a história do Arcebispo raptor de uma jovem inocente. O romance, como instrumento de denúncia social/religiosa, deve ser revisto e analisado sob as diferentes perspectivas de estudos possíveis, tratando-se de uma obra reveladora de ações inseridas na Igreja católica espanhola, com reflexos em outros períodos e sociedades que viveram intransigências e excessos no poder clerical.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e Literatura: a imprensa no século XIX*. Porto Alegre: Nova prova 2007.

BARRIENTOS, Joaquín Álvarez. *La novela del siglo XVIII*. Júcar, 1991.

GUTIÉRREZ, Luis. *Cornelia Bororquia o La víctima de la Inquisición*, edición, introducción y notas de Gérard Dufour, Alicante, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, 1987. 216 p.

RODRIGO MANCHO, Ricardo; PACHECO, Pilar Pérez. Nuevas claves para la lectura de Cornelia Bororquia (1801). *Olivar*, 2003, n. 4, p. 83-103 (2003).

ZAGAROZA, Amparo Bustos. Cornelia Bororquia: Primera novela anticlerical. *Innovación y Experiencias Educativas*, Granada, n. 24, p.1-12, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.csif.es/contenido/andalucia/educacion/244654>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Jeniffer Yara Jesus da Silva

Licenciada e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará, onde desenvolveu o projeto de pesquisa orientado pela profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (UFPA), *A polémica da leitura de romances: prescrições e preceitos religiosos na Belém do século XIX*. Atua em estudos que envolvam História do Livro e da Leitura, História da Literatura e prosa de ficção oitocentista. Endereço eletrônico: jeniffer.yara@gmail.com.

Recebido em 25/08/2020.

Aceito em 30/10/2020.